
Jornalismo e o Retrato da Violência Doméstica: uma análise das representações da mulher nas notícias policiais do jornal Ver - o - fato¹

Lorena Coelho de OLIVEIRA²

Regina Lúcia Alves de LIMA³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar a representação da mulher no portal jornalístico Ver-o-fato, em casos de violência doméstica. Foram extraídas 09 matérias publicadas em 2020. O suporte teórico baseou-se em conceitos como, gênero e capitalismo (SAFFIOTI, 1996) e política sexual (PATEMAN, 1993), noticiabilidade (WOLF, 2005) e infotimento (CASTELLS, 1999). A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, mediante observação da manchete, do texto, da identificação dos atores envolvidos, descrições dos crimes e divulgação das informações. A análise revelou falhas nessa cobertura, como: sensacionalismo, super exploração da violência, ausência de matérias reflexivas sobre o tema, exposição das imagens e um discurso misógino.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo policial; violência doméstica; representação feminina; mulher brasileira; cultura misógina.

A pandemia da covid-19 e o crescimento da violência doméstica no Brasil

Este artigo aborda a representação da mulher no jornalismo, em casos de violência doméstica⁴ ocorridos no Pará, durante segundo semestre de 2020. O período referido marca o início da pandemia de Covid-19, causada pelo vírus *Sars-cov-2*, uma doença que gerou a maior crise sanitária dos últimos 50 anos, impondo transformações no cotidiano de muitas famílias ao redor do mundo. Em 20 de março de 2020, no Pará, a Assembleia Legislativa (ALEPA) reconheceu a situação de calamidade pública diante da nova epidemia e constituiu uma comissão para adoção de medidas de combate ao vírus, como o isolamento social, suspensão de serviços não essenciais e instituição do *lockdown* (bloqueio total). O maior tempo restrito ao lar, somado a instabilidade

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: lorena.coelho.oliveira@ilc.ufpa.br.

³ Professora titular da Universidade Federal do Pará. E-mail: reginalima@ufpa.br.

⁴ Conforme a *Lei 11.340/2006* (Maria da Penha), a violência doméstica é qualquer tipo de “ação ou omissão que se baseie em gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, praticada contra mulher na unidade doméstica, familiar e em qualquer tipo de relação íntima de afeto”.

emocional, medo de contrair o vírus e ao luto, potencializaram as violências direcionadas às mulheres no Brasil, em especial no Pará, foco desta pesquisa. Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública (SEGUP) esse estado foi o que apresentou maior aumento no número de feminicídios em 2020, 40% em relação ao ano de 2019, além das cerca de 2 mil ameaças, 473 casos de estupro e 7,8 mil casos de lesão corporal.

Assim, a escolha do tema deste estudo baseou-se nesse crescimento, bem como na inquietação para investigação sobre a representação de mulheres afetadas por situações de violência no jornalismo. Para este trabalho foram selecionadas 09 matérias jornalísticas extraídas do portal noticioso Ver-o-fato, publicadas entre os meses de abril a novembro de 2020. O site foi escolhido devido sua fundação, realizada por um jornalista, Carlos Mendes, em 2015, e devido ao grande número de acessos aos conteúdos veiculados. A abordagem das notícias dar-se-á luz da análise de conteúdo de Bardin (2016), com aporte teórico de Nelson Traquina (2005), Mauro Wolf (2003), Rosa Pedroso (2001), Sylvia Moretzsohn (2000), Cynthia Carter (1998) e Maria Hirogoyen (2006), investigando 5 aspectos nas notícias, como o tamanho do texto, quem são as fontes, os títulos, as descrições do crime e qual o papel do jornalista na produção de sentido social da mulher na sociedade paraense.

O jornalismo policial, especializado na cobertura de crimes e questões jurídicas, em se tratando de casos de violência doméstica, sendo o foco desta análise, auxilia no reforço negativa, construção reducionista e estereotipada da mulher, seja como vítima ou responsável pelos crimes que sofreram. A análise apontou a presença de elementos de ordem sensacional (AGRIMANI, 1993) nas matérias, a saber, a representação do crime enquanto narrativa cruel e grotesca, em que a mulher é apenas um personagem, um corpo sem história, memória e voz.

É importante ressaltar que, mesmo antes da pandemia, o Brasil já se mostrava como um país inseguro a vida das mulheres, estando em sétimo lugar, no ranking mundial, quando se trata de violência doméstica, em pesquisa da ONU WOMAN⁵. Contudo, o aumento nesses casos nos fornece a percepção de que cenários de crise, a exemplo da pandemia, atuam como agente catalisador de condições sociais pré-existentes, como as desigualdades de gênero e a estrutura sócio-histórica patriarcal (UN Women, 2020; UNFPA, 2020). Os dados apontados acima refletem um cenário de

⁵ Ramo da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável pela investigação e monitoramento da situação das mulheres em todo o mundo.

violência sistêmica e fortalecida socialmente, pela cultura, política e economia. Sendo, o jornalismo, um dos pilares de produção de conhecimento atual (LAGE, 1992), ele é responsável por gerar e circular noções – no caso desta pesquisa – sobre mulheres em situação de violência doméstica. Assim, ele também carrega um ônus quando se trata da perpetuação da cultura misógina e violência doméstica no Pará.

A construção sócio-histórica da mulher na sociedade brasileira: uma breve revisão bibliográfica

Para compreendermos como dá-se a construção social do que é ser mulher e sua inserção na vida em sociedade, iremos abordar os conceitos do capitalismo, tratados por Heleieth Saffioti em *Gênero, Patriarcado e Violência*, da constituição do estado moderno em *O Contrato Sexual*, de Carole Pateman, e violência como instrumento de controle tratado por Teresa Caldeira em *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*.

A primeira abordagem refere-se às relações de exploração/dominação, revelando como o capitalismo, ao enovelar as hierarquias de gênero, raça/etnia e classe, consegue aumentar ainda mais seus lucros. Para Saffioti (1976), o capitalismo é um sistema econômico que produz contradições baseadas na noção de propriedade privada e na exploração na força de trabalho. O conflito constante produz uma sociedade competitiva entre si. Nesse cenário, o gênero, o sexo e a etnia passam a ser aspectos diferenciadores entre homens e mulheres. Dessa forma, em um sistema capitalista, as mulheres estão sujeitas a inferioridade diante das diferenças biológicas, comportamentais e sexuais, que se refletem em seus papéis sociais enquanto mulheres.

Em contrapartida, Pateman (1993) afirma que essa desigualdade, historicamente estabelecida, vivenciada pelas mulheres relaciona-se com a forma de inserção política a que elas foram submetidas. Segundo a autora, as teorias democrático-liberal, em especial o contratualismo, construíram um ideal de despolitização da vida social, valorizando uma boa política como aquela capaz de ver pessoas as como iguais, mascarando o apagamento de individualidades, como culturas, gênero, necessidades biológicas, entre outras. Dessa forma, o problema da fundação do estado moderno foi a exclusão de mulheres, ao criar categorias que legitimam e reconhecem apenas o lugar do homem na sociedade. A nova sociedade civil criada através do contrato original é uma ordem social patriarcal (PATEMAN, 2020, p. 16).

Ambas autoras concordam sobre a experiência feminina da desigualdade, apesar de estabelecerem vias teóricas opostas, e apontam para vivências sociais permeadas pela violência. De acordo com Teresa Caldeira, para garantir a estabilidade do estado contratualista foram criados aparatos coercitivos legitimados que asseguravam a docilidade das pessoas. Logo, esse processo resultou em uma hierarquização social, profundamente afetada pelo recorte de gênero.

Em se tratando do Brasil, não se pode perder de vista o legado de violência intrínseco na história brasileira. Com relação às mulheres, o país concentra índices alarmantes de violência que se tornam parte do padrão de direitos relegado a este grupo (CALDEIRA, 2000). Para Teresa (2000), a naturalização desse fenômeno está enraizada na cultura e no imaginário social, assim essa ação torna-se mais do que uma forma de coerção, configura-se como um sistema que usa a dor para criar ordem, educar, purificar mulheres.

Saffioti (1976) afirma que a constituição do Brasil sob uma relação de dominação com Portugal impactou a inserção da mulher na sociedade brasileira. Para ela, historicamente, o capitalismo organizou um sistema de atribuições para homens e mulheres que vem se reformulando desde a colonização. O homem teve um papel de protagonismo nos anos iniciais da colonização brasileira, uma vez que estava ligado ao desbravar, estabelecer-se e conquistar. As mulheres brancas estavam restritas ao lar, sempre arrumadas para o marido, prontas para a maternidade, tinham conhecimentos sobre afazeres culturais, como música, dança e idiomas. Enquanto às mulheres negras restava o serviço doméstico, o comércio de rua com a figura das ganhadeiras, e, infelizmente, elas eram as principais vítimas de violência sexual.

Nos anos 1930, com o crescimento das cidades e a urbanização no Brasil, os primeiros movimentos feministas começaram a surgir no Brasil, com foco principal na luta por direitos da vida pública, como voto. A principal expoente dessa primeira onda do feminismo brasileiro foi Bertha Lutz, que fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Em 1932, no governo Getúlio Vargas, as mulheres conquistaram o direito ao voto, mas ainda com restrições. Nos anos 60, o mundo vivia a Revolução Sexual, um período de forte discussão sobre temas ligados ao sexo e sexualidades, anticoncepcionais e liberdade sexual.

Para a jornalista, Tatiana Merlino, as mobilizações de mulheres foram duramente reprimidas sob o manto de violação da conduta ética do “ser mulher” durante a ditadura de 64. As mulheres presas pelo regime sofriam com torturas físicas, psicológicas e sexuais com o único objetivo de sufocar a autoestima, o corpo, a sexualidade e o desejo (MERLINO, 2010). Contudo, mesmo nesse cenário, as mulheres não pararam de lutar mesmo durante a ditadura. Em 1975, foi criado o Movimento Feminino pela Anistia, uma articulação de mulheres que buscava pressionar o governo pela necessidade de anistia.

A história do feminismo no Brasil é pautada pela luta para as mulheres terem seus direitos garantidos em todas as esferas de vida social, independente dos governos. Nesse ínterim, alguns temas são discutidos desde a constituição do movimento no país, como a questão da violência contra a mulher. Em 1985, a primeira delegacia de Defesa da Mulher foi inaugurada e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) foi criado. Em 1986, foi criada, pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, a primeira Casa Abrigo para mulheres em situação de risco e morte do país. Em 2006, foi aprovada a *Lei 11.340*, conhecida como *Lei Maria da Penha*. Em 2015, foi aprovada a *Lei 13.104*, que torna o feminicídio um homicídio qualificado e o coloca na lista de crimes hediondos.

Aportes metodológicos

Durante a investigação sobre a temática da violência doméstica, foram encontradas 09 notícias sobre esse crime durante o segundo semestre de 2020. A busca foi feita por palavras-chave no próprio portal de notícias do jornal na internet. Utilizou-se 3 palavras-chave: violência doméstica, violência contra mulher, feminicídio. É importante salientar que o corpus foi composto apenas pelas notícias cuja temática central esteja relacionada ao tema do trabalho. Não foram selecionados textos nos quais em que, por exemplo, algum especialista fala sobre medidas que devem ser adotadas para o combate desse crime, entre casos similares. Dessa forma, reitera-se que o intuito deste trabalho é analisar o conteúdo das reportagens sobre casos de violência contra a mulher, publicadas no período de abril a novembro no portal on-line Ver-o-fato.

A análise foi dividida em 5 aspectos gerais: o tamanho das produções, as manchetes, as descrições do crime, a identificação dos envolvidos no caso e a divulgação de informações sobre as mulheres e homens ilustrados nas notícias. Para

alcançar o objetivo deste trabalho, demonstrar como o jornalismo contribui como reforço positivo para a cultura misógina, foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, que define a metodologia como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1991, p. 44).

Por meio de deduções e processos técnicos de validação, a AC visa explicar o objetivo das comunicações analisadas. Segundo Laurence, “a intenção da Análise de Conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1991, p. 40). A AC se divide em 3 fases: a pré-análise, a exploração do material e interpretação. Nesta etapa foi realizada a pesquisa no site e leitura do material, selecionando os 5 aspectos citados acima, bem como, foram formuladas as hipóteses e o objetivo geral. Após isso, na segunda etapa foi realizada a sistematização e organização do material em 5 quadros, 1 para cada área de análise. Na última fase, os resultados foram cruzados com o aporte teórico de Nelson Traquina, com a obra *Teorias do Jornalismo*, Cynthia Carter, com o artigo *When the Extraordinary becomes Ordinary: Everyday News of Sexual Violence* (Quando o extraordinário se torna comum: notícias cotidianas sobre violência sexual), Sylvia Moretzsonh, com a obra *A velocidade como fetiche* e Maria Hirogoyen, como o livro *Violência no casal*.

Análise das notícias

Nota-se que foram produzidas 9 matérias sobre casos de violência doméstica ocorridos no Pará, durante o período analisado. Contudo, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública (Segup) foram registrados 44 feminicídios no estado em 2020.

Tabela 1 - Títulos das matérias sobre violência doméstica

06/04/20	Mulher é morta a facadas porque recusou reatar relacionamento amoroso
14/07/20	Violência contra mulher: professora e adolescente estupradas e mortas

16/07/20	Jovem é morta a tiros na rua e vídeo mostra covardia: ex-namorado é suspeito
27/07/20	Matou a companheira e foi passear no shopping
28/07/20	Juíza manda e polícia prende sargento que tentou matar ex e irmão dela
06/10/20	Apontado como mandante da morte de empresária é mantido na cadeia
08/10/20	Júri condena assassino que matou mulher a marteladas: 22 anos de cadeia
19/11/20	Ex-marido possessivo não aceita separação e mata a facadas candidata do PT
30/11/20	Rejeitado no amor, jovem tenta matar mulher a golpes de estilete no pescoço

Fonte: produzido pela autora desta pesquisa.

O primeiro aspecto observado refere-se ao tamanho das notícias, que, em média, são construídas em 240 palavras. As manchetes destacam sempre a relação de proximidade das mulheres com seus agressores, muitas vezes, seus companheiros ou ex, e do sentimento de amor como subterfúgio para a violência.

Cynthia Carter (1998), em seu artigo intitulado *When the Extraordinary becomes Ordinary: Everyday News of Sexual Violence*, afirma que o jornalismo fornece uma cobertura limitada acerca de casos de violência contra mulheres. Esse fato mostra-se presente nas narrativas construídas pelo portal Ver o fato, as quais são muito curtas e fornece poucos detalhes. Adiciona-se a isso, uma questão de cultura jornalística atual e os procedimentos de produção de notícia, a necessidade do imediatismo (TRAQUINA, 2005) presente nas redações. É necessário tempo para apurar e produzir uma notícia mais completa sobre os fatos de violência, ainda mais que envolvem investigação e trabalho policial mais complexo. O tempo é inimigo da produção jornalística atual.

O “furo” é um elemento importante na cultura jornalística que alimenta os interesses próprios do jornalista. O jornalista que se preza procura o furo. [...]O furo é uma conquista que está associada ao brilho profissional, razão justificada de vaidade pessoal, e que fornece prestígio que pode fazer progredir na carreira profissional. (TRAQUINA, 2005, p. 55)

As manchetes, para Pedroso (2001), são construções de sentidos que carregam intencionalidade em dizer algo, que não necessariamente está explícito, mas nas entrelinhas. Essa ideia é facilmente percebida nas manchetes das matérias, que apontam a mulher como culpada pela violência sofrida ao romper com seu agressor. O sentimento de amor é potencializado e super explorado, transformando-se em validação para o cometer crimes, como em “Mulher é morta a facadas porque recusou reatar relacionamento amoroso” (VER O FATO, 2020). Dando a entender que por falta de amor, houve motivação para infringir a lei. Para Maria Hirogoyen (2006), esse fenômeno está relacionado com uma sociedade permissiva ao par amor-violência nas relações afetivas experienciadas em âmbito privado e responsabiliza a mulher pela tentativa de sair do ciclo de abusos.

A ética jornalística é outro aspecto contestável na produção das notícias, uma vez que as pessoas envolvidas nos casos citados acima são identificadas com nome completo, idade e endereço.

Tabela 2 - Fragmentos das matérias com identificação das vítimas e agressores

06/04/20	A vítima, Josiane da Rocha Silva, foi assassinada a facadas pelo companheiro, Ocimar de Oliveira Gomes, por volta das 13 horas de hoje. De acordo com vizinhos, o casal residia na Rua Itabira, Bloco 18, Apartamento 302, do Residencial Parque Itacoa
14/07/20	O corpo da adolescente Ana Clara Rodrigues, de 17 anos, foi encontrado por moradores da comunidade Cidade Jardim Buriti, em um terreno baldio[...] O fato ocorreu em uma casa do loteamento Cidade Jardim Buriti, em Altamira, na sexta-feira, dia 10.
16/07/20	A jovem Andressa Vilhena, de 22 anos, foi assassinada a tiros na manhã desta quinta-feira (16), quando caminhava em direção a uma academia, na Travessa Tiradentes, próximo ao posto de gasolina Macedão, no Bairro Algodão, em Abaetetuba, na região do Baixo Tocantins. [...] A câmera também filmou a passagem dos dois criminosos em um veículo modelo Chevrolet Classic de cor prata, cuja placa tinha os números 0383.
27/07/20	Uma câmera de segurança de um estabelecimento comercial, no Bairro de São Brás, em Belém, filmou um feminicídio, anteontem, quando Alan Douglas Ferreira Soares matou a companheira Evilane Bessa da Silva.
28/07/20	O sargento foi preso na manhã de ontem. Fredson Nunes dos Santos, da Polícia Militar, é apontado como autor da tentativa de feminicídio contra a sua ex-companheira, Ana Célia Teixeira, de 37 anos. O crime foi cometido no sábado, 25, em Abaetetuba.
06/10/20	O empresário Rosivaldo de Jesus Pinheiro da Cruz, acusado de mandar matar a ex-mulher, Jaiane Nogueira Molinare, em março deste ano, em Cametá, na Região do Baixo Tocantins.
08/10/20	O traficante de drogas e assaltante Bruno Cardoso Souza, de 27 anos, foi condenado ontem (7), pelo Tribunal do Júri, a 22 anos de prisão, em regime fechado, pelo brutal assassinato de sua companheira, Suzana Oliveira de Oliveira, de 24 anos [...] O crime ocorreu por volta das 18 horas

	do dia 4 de dezembro de 2017, no interior de uma casa, em uma ocupação localizada próxima do Conjunto Residencial Tenoné, em Icoaraci, Distrito de Belém.
19/11/20	A pedagoga Leila Arruda, de 49 anos, foi morta a facadas e pauladas na tarde desta quinta-feira, no bairro do Tenoné, em Belém, pelo ex-marido Boaventura Dias, conhecido por “Boa”.

Fonte: produzido pela autora desta pesquisa.

Essa prática fere o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de acordo como o capítulo II, que apresenta as condutas que os profissionais de comunicação não devem praticar, no artigo 7º — IV “expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais”. A exposição desses detalhes pode levar a retaliações as pessoas, como revoltas populares, linchamentos de suspeitos, destruição de patrimônio privado, entre outras.

Além disso, pode-se perceber em 6 matérias a superexploração de aspectos de violência extrema e sofrimento da mulher, com descrições gráficas e explícitas sobre detalhes do crime.

Tabela 3 - Fragmentos das matérias com os detalhes da violência

06/04/20	A vítima, Josiane da Rocha Silva, foi assassinada a facadas pelo companheiro, Ocimar de Oliveira Gomes [...] O crime aconteceu no banheiro do apartamento.
14/07/20	[...]em um terreno baldio, enrolado num lençol e com um corte profundo no pescoço. Ela estava amordaçada e com pés e mãos amarrados, além de apresentar marcas de espancamento pelo corpo. Tudo indica que ela também foi vítima de violência sexual.
16/07/20	Uma câmera instalada na rua filmou tudo, desde o momento em que a mulher caminhava, até o momento em que o assassino atira nela, na cabeça
27/07/20	O criminoso desferiu um único golpe com uma faca na região do tórax de Evilane Bessa.
06/10/20	Jaiane Molinare foi encontrada morta, com sinais de estrangulamento, no banheiro de sua própria loja de confecções, no centro da cidade de Cametá.
08/10/20	[...]pelo brutal assassinato de sua companheira, Suzana Oliveira de Oliveira, de 24 anos, com várias marteladas na cabeça. O laudo cadavérico do Instituto Médico Legal atestou fraturas na cabeça, com exposição de massa encefálica, produzidas por objeto contundente. [...]vizinhos e amigos do réu confirmaram ter ouvido gritos da mulher e barulho de osso sendo quebrado.
19/11/20	[...]foi morta a facadas e pauladas na tarde desta quinta-feira.

Fonte: produzido pela autora desta pesquisa.

A presença de elementos da ordem do incomum, do cruel e macabro nos textos jornalísticos gera uma atração ao consumo das notícias (MORETZSOHN, 2002)

traduz-se por meio das descrições muito precisas e detalhistas sobre a violência em si. A exemplo disso, tem-se a história de Josiane Rocha, que “foi assassinada a facadas pelo companheiro [...] e o filho de cinco anos assistiu ao crime. O crime aconteceu no banheiro do apartamento.”. A leitura desse texto mobiliza a imaginação acerca da mulher ser encurralada, o medo e a crueldade dos atos serem cometidos em frente a uma criança. Para Nelson Traquina (2005), esse tipo de notícia sobre crimes ganha mais valor-notícia quando a violência está associada.

A cobertura mais pormenorizada de certas circunstâncias dramáticas de um crime resulta e sobressai do pano de fundo deste tratamento rotinizado do crime. O que confere especial atenção às ‘estórias’ de crimes é a mesma estrutura de ‘valores-notícia’ que se aplica a outras áreas noticiosas: um crime mais violento, com maior número de vítimas, equivale a maior noticiabilidade para esse crime. (TRAQUINA, 2005, p. 85).

A sociedade atual gira em torno do espetáculo (DEBORD, 1997). Para Jurgen Habermas (2003 [1962]), o interesse das pessoas por algo magnífico/grandioso é de conhecimento dos jornalistas, que estão ocupados em produzir narrativas que seduzem o leitor e o levam a um lugar de êxtase, sem necessariamente o compromisso de informar. O objetivo é distrair, não o uso do raciocínio lógico. Esse é o jornalismo de infotimento (CASTELLS, 2002).

Assim, o machismo estrutural, a cultura misógina, a violência sistêmica contra mulheres e outras questões importantes nessa discussão não são consideradas. As mulheres se tornam personagens secundários em histórias que tratam delas, contadas por e para homens. Eles têm um espaço privilegiado nos textos, com a oportunidade de contarem suas versões, que muitas vezes estampam as manchetes das matérias. Uma visibilidade e possibilidade de inspiração/culto aos atos/atores, denominada efeito contágio, prática atualmente condenada por veículos de mídia, para evitar que outras pessoas sejam estimuladas pelo espaço no jornal que o criminoso teve.

Ainda em se tratando de privilégio, a falta de lugar para mulheres se estende também as informações de vida delas que estão presentes nos textos. O jornalismo, enquanto instância de produção de sentidos, é responsável pela criação de noções sobre os temas que trata (WOLF, 2005), para isso ele mobiliza fatos que ajudem a construir um panorama. Contudo, quando se trata da mulher, sua vida é resumida ao momento da

morte, resultando em apagamento ou sub-representação de mulheres em narrativas de violência doméstica.

Tabela 4 - Fragmentos das matérias com a vida de homens e mulheres anteriores ao crime

14/07/20	O homem egresso do sistema prisional está sendo procurado como o principal suspeito do crime e desde que o corpo foi achado a casa está fechada.
08/10/20	Bruno Souza era contumaz em praticar violência doméstica contra mulher, conforme depoimentos de moradores vizinhos da casa onde o réu convivia, primeiramente com a mãe de três dos cinco filhos que tem, na mesma casa onde passou a conviver com a vítima.
19/11/20	Em áudios nas redes sociais, irmãs do assassino, em prantos, relataram que chegaram a pagar tratamento psicológico para Boaventura, um homem extremamente possessivo [...]Leila era uma mulher jovem, que como muitas estudou, trabalhou e sonhou por um futuro melhor. Possuía pós-graduação em Neuro psicopedagogia institucional com reabilitação cognitiva e em Educação Inclusiva e Especial. Durante 6 anos foi servidora pública da Fundação Pública Estadual Hospital de Clínicas Gaspar Viana e foi uma das fundadoras do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (Moema), que trabalha com mulheres artesãs. Leila era companheira, mãe, filha, irmã, prima, militante e sonhava em construir um projeto coletivo e popular para o seu município.

Fonte: produzido pela autora desta pesquisa.

É visível a ausência de informações sobre elas anteriores ao crime, como formação profissional, trajetória acadêmica, projetos de vida, entre outros, como se o único lugar que lhes coubesse fosse o de vítima da situação, com inviabilização de sua vida e experiências anteriores (CARTER, 1998). Em 3 das 9 matérias analisadas são apresentados aspectos pessoais dos agressores, em contrapartida, há apenas 1 publicação em que são feitas pontuações sobre a vida da mulher antes do crime.

Contudo, vale ressaltar que essa afirmação varia segundo a hierarquia social ocupada por essa mulher, que define o tratamento que cada ela irá receber, pois, como observado no caso de Leila Arruda, candidata à prefeitura de Curalinho pelo PT, houve uma preocupação em destacar o histórico de vida dela, que desempenhou um papel importante na política do Pará, para sensibilizar o leitor sobre o crime. Assim, pode-se perceber que a escolha das informações que serão publicadas sobre as mulheres varia consoante o grau de importância social que elas detêm e como podem impactar o público.

A narrativa de julgamento pesa contra a moral das mulheres, com suas atitudes questionadas pelo horário, local, roupa, ações e proximidade com seus agressores. Em 5

das 9 matérias são apresentados detalhes que possibilitam dúvida sobre a postura das mulheres, como sair para beber, roubar, entre outros.

Tabela 5 - Fragmentos das matérias que detalham a conduta das mulheres

06/04/20	De acordo com informações de vizinhos, o casal morava junto, mas estaria separado, apenas dividindo o imóvel. Nesta tarde, teria havido por parte dele uma tentativa de reatar o relacionamento, mas ela teria recusado e acabou morta.
14/07/20	Uma professora foi morta a pauladas e teve o rosto queimado pelo assassino, com quem saíra para beber em um bar da cidade. [...] ele matou Rosângela como vingança já que, naquela noite, ela teria roubado 600 reais dele enquanto eles bebiam
06/10/20	De acordo com os testemunhos, a motivação do crime decorreu do fato da vítima não querer retomar o casamento, ainda que o mandante do assassinato tenha insistido em várias ocasiões, e também pelo fato de a vítima ter dado entrada no pedido de divórcio.
19/11/20	O motivo é fútil: ele não aceitava a separação e perseguia a ex-mulher havia três anos, tentando uma reconciliação.
30/11/20	O casal teve um relacionamento de três anos e estava separado há cerca de seis meses. Após saber que a ex-mulher estava mantendo um novo caso de amor e por não aceitar o fim do relacionamento, foi até o local, agrediu e tentou matar a vítima.

Fonte: produzido pela autora desta pesquisa.

Se por um lado, o jornalismo escolhe criteriosamente as informações que ajudam a compreender quem era essa pessoa antes do crime, em outro ele supervaloriza as que auxiliam o leitor a fazer juízo de valores sobre a conduta de mulheres, como hábitos/práticas sexuais, consumo de bebidas alcoólicas e uso de entorpecentes, prática de crimes, relacionamentos amorosos. A exemplo disso tem-se o caso de uma professora que “segundo o acusado, ele matou Rosângela como vingança já que, naquela noite, ela teria roubado 600 reais dele enquanto eles bebiam.” (VER O FATO, 2020).

Considerações finais

Retomando o objetivo deste trabalho, foi analisado como o jornalismo retrata a mulher em situação de violência doméstica, no que se refere ao tratamento dispensado às notícias que tratavam desse crime que foram publicadas pelo portal noticioso Ver-o-fato, no ano de 2020, durante a pandemia de Covid-19. Para tanto, recorreu-se às estratégias de Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bardin (1991) com intuito de investigar como as mulheres são reconfiguradas nesse discurso jornalístico. As análises

apontaram que a maioria das notícias sobre violência doméstica são muito curtas, não contribuindo para promoção da discussão sobre a temática e conscientização da sociedade sobre políticas de enfrentamento da violência, revelando uma primeira pista para a demonstração de como o jornal transforma um crime em mais um espetáculo a ser consumido pelo público leitor.

Isso ocorre devido à prática de um jornalismo de infotimento (CASTELLS, 2002), que se trata de um jornalismo para seduzir e não informar. Além disso, os textos apresentam elementos do jornalismo sensacionalista (AGRIMANI, 1993), como manchetes com títulos impactantes, descrições, trechos que geram dúvida no leitor. A representação dos principais atores sociais nessas notícias, a saber, os agressores e suas vítimas, revela uma tendência perigosas ao deixar explícito os nomes das pessoas, endereço do crime e outros detalhes importantes para identificação dos envolvidos. O que pode facilitar revoltas populares, casos de linchamento, intimidação das famílias, entre outras. Da mesma forma, quando se trata de informações que ajudem a montar um perfil desses atores, o jornalismo seleciona sobre quem e o que dizer – como o Ver-o-fato – a vida da mulher antes do crime não aparece nos textos, como se elas fossem unicamente objetos de uma história, em contrapartida, a vida do homem é de interesse para o corpus textual.

Ainda sobre isso, observou-se que, conforme o discurso do Ver-o-fato, a vida da mulher em situação de violência parece ter mais valor quando ela é uma pessoa reconhecida socialmente, como Leila Arruda, ex-candidata à prefeitura de Currálinho, que foi vítima de feminicídio. A matéria sobre ela apresenta maior tamanho, com mais dados sobre sua vida de estudos e carreira política. Contudo, mesmo com poucas informações sobre a vida das mulheres, as existentes ainda contribuem para o julgamento moral das condutas/posturas adotadas por elas em suas vidas, a saber, o caso de uma professora, vítima de violência sexual e feminicídio como forma de vingança a um suposto crime de roubo que ela teria cometido. No texto lhe foi atribuído um delito em que não há comprovação de envolvimento, uma tentativa de justificar a violência a ela imputada.

De fato, todas as escolhas feitas para a construção do texto estão imbricadas em intenções, que podem ser mais ou menos explícitas para o interlocutor. E, a partir da análise feita dos conteúdos do portal Ver-o-fato, pode-se dizer que o jornalismo atua

como uma instituição importante de validação da cultura misógina, patrocinando a violência contra a mulher e contribuindo no reforço de uma construção social estereotipadas delas.

Referências bibliográficas

ALSINA, Miquel Rodrigo. A construção da Notícia. Tradução de: Jacob A. Pierce. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

AGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: imprensa sensacionalista - uma colaboração para o estudo do jornalismo, tendo como objeto de pesquisa o jornal Notícias Populares. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

APONTADO como mandante da morte de empresária é mantido na cadeia. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 6 out. 2020. Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/apontado-como-mandante-da-morte-de-empresaria-e-mantido-na-cadeia/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELÉM – Júri condena assassino que matou mulher a marteladas: 22 anos de cadeia. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 8 out. 2020. Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/belem-juri-condena-assassino-que-matou-mulher-a-marteladas-22-anos-de-cadeia/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 07 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha).

CARTER, Cynthia. Quando o extraordinário se torna comum: Notícias diárias sobre violência sexual. Branston e S. Allan (eds) *Notícias, gênero e poder*. Londres: Routledge, 1998.

CASTELLS, Manuel - A Sociedade em Rede. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 6º edição

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017 [1992].

DIAS, Maria Berenice. A lei Maria da Penha na Justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher. 3. ed. São Paulo: editora Revista dos Tribunais, 2012.

ESTADO, Secretaria de Segurança Pública do. Transparência: feminicídio. 2020. Disponível em: <http://sistemas.segup.pa.gov.br/transparencia/dashboard/>. Acesso em: 01 de junho de 2023.

EX-MARIDO possessivo não aceita separação e mata a facadas candidata do PT. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/belem-ex-marido-possessivo-nao-aceita-separacao-e-mata-a-facadas-candidata-do-pt/>. Acesso em: 1 jun. 2023

HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003 [1962].

HIRIGOYEN, Marie-France. **Violência no casal**: Da coação psicológica à agressão física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

-
- JORNALISTAS, Federação Nacional de. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em:
<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiro_s.pdf> Acesso em: 21 de junho de 2023.
- JOVEM é morta a tiros na rua e vídeo mostra covardia: ex-namorado é suspeito. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 16 jul. 2020. Disponível em:
<https://ver-o-fato.com.br/abaetetuba-jovem-e-morta-a-tiros-na-rua-e-video-mostra-covardia-ex-namorado-e-suspeito/>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- JUIZA manda e polícia prende sargento que tentou matar ex e irmão dela. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 28 jul. 2020. Disponível em:
<https://ver-o-fato.com.br/abaetetuba-juiza-manda-e-policia-prende-sargento-que-tentou-matar-e-x-e-irmao-dela/>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- MATOU a companheira e foi passear no shopping. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/matou-a-companheira-e-foi-passear-no-shopping>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- WOLF, Mauro. Teorias da comunicação de massa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MORETZSOHN, Sylvia. **A velocidade como fetiche**: o discurso jornalístico na era do “tempo real”. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylviavelocidade-jornalismo-3.html>> Acesso em 11 de maio de 2023.
- MULHER é morta a facadas porque recusou reatar relacionamento amoroso. Ver o Fato, Site, p. 1, 6 abr. 2020. Disponível em:
<https://ver-o-fato.com.br/mulher-e-morta-a-facadas-porque-recusou-reatar-relacionamento-amoroso/>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- PATEMAN, Carole. O Contrato Sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- PEDROSO, R. N. A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista. São Paulo: Annablume, 2001.
- REJEITADO no amor, jovem tenta matar mulher a golpes de estilete no pescoço. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 30 nov. 2020. Disponível em:
<https://ver-o-fato.com.br/rejeitado-no-amor-jovem-tenta-matar-mulher-a-golpes-de-estilete-no-pescoco/>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. 2.ed.—São Paulo : Expressão Popular : Fundação Perseu Abramo, 2015. 160p
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis. Insular, 2005.
- VIOLÊNCIA contra mulher: professora e adolescente estupradas e mortas. Ver o fato, [S. l.], p. 1, 14 jul. 2020. Disponível em:
<https://ver-o-fato.com.br/violencia-contra-mulher-professora-e-adolescente-estupradas-e-mortas/>. Acesso em: 1 jun. 2023.